

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A Análise Linguística na perspectiva da identidade: o papel do Perfil Sociolinguístico identitário do falante

Juliete Bastos Macêdo, Silvana Silva de Farias Araújo

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13764>

Submetido em: 2025-10-15

Postado em: 2025-11-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A análise linguística na perspectiva da identidade: o papel do perfil sociolinguístico
identitário do falante

Linguistic analysis from the perspective of identity: the role of the speaker's identity
sociolinguistic profile

Juliete Bastos Macêdo, Silvana Silva de Farias Araújo

A análise linguística na perspectiva da identidade: o papel do perfil sociolinguístico
identitário do falante

Linguistic analysis from the perspective of identity: the role of the speaker's identity
sociolinguistic profile

Juliete Bastos Macêdo

Universidade do Estado da Bahia - UNEB/*Campus IX*- Doutoranda do Programa em
Estudos Linguísticos – PPGEL da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA -

<https://orcid.org/0000-0003-1566-3416>

Silvana Silva de Farias Araujo

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/BA

<https://orcid.org/0000-0001-5561-3179>

E-mails

jbmacedo@uneb.com

silvanaaraujo@uefs.br

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância do perfil sociolinguístico identitário do falante como eixo fundamental para uma análise contextualizada aos dados linguísticos. A partir das contribuições da terceira onda da Sociolinguística (Eckert, 2000; 2012), defendemos que os usos linguísticos não podem ser compreendidos apenas por meio de variáveis estruturais e socioculturais, mas devem ser analisados como práticas indexicais que constroem e performam identidades sociais. Nesse sentido, o perfil sociolinguístico emerge como ferramenta teórico-metodológica capaz de estreitar os entrelaçamentos entre variação linguística, agência estilística (Coupland, 2007) e posicionamentos identitários. Considerando o recorte identitário, esse artigo defende que a observação das variedades socioculturais exige uma abordagem que avalie os modos como os falantes se situam socialmente por meio de escolhas linguísticas estilizadas. Assim, o estudo do perfil sociolinguístico identitário torna-se essencial para capturar a complexidade do fenômeno linguístico em sua dimensão social, simbólica e performática.

Ao final, consideramos que a articulação da noção de estilo ao mapeamento de perfil sociolinguístico identitário visa enriquecer os estudos sociolinguísticos com recortes mais sensíveis à diversidade linguística e social dos falantes delineando a fotografia sociolinguística da comunidade analisada a partir dos usos reais fomentados pelas identidades sociais.

Palavras-chaves: análise linguística, 3ª onda da sociolinguística, perfil sociolinguístico identitário.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the importance of the speaker's identity sociolinguistic profile as a fundamental axis for a contextualized analysis of linguistic data. Based on the contributions of the third wave of Sociolinguistics (Eckert, 2000; 2012), we argue that linguistic uses cannot be understood solely through structural and sociocultural variables but must be analyzed as indexical practices that construct and perform social identities. In this sense, the sociolinguistic profile emerges as a theoretical-methodological tool capable of tightening the interconnections between linguistic variation, stylistic agency (Coupland, 2007), and identity positioning. Considering the identity focus, this article argues that the observation of sociocultural varieties requires an approach that evaluates the ways in which speakers socially situate themselves through stylized linguistic choices. Thus, the study of the identity sociolinguistic profile becomes essential to capture the complexity of the linguistic phenomenon in its social, symbolic, and performative dimensions. In conclusion, we consider that linking the notion of style to the mapping of the identity sociolinguistic profile aims to enrich sociolinguistic studies with perspectives more sensitive to the linguistic and social diversity of speakers, outlining a sociolinguistic snapshot of the analyzed community based on the actual uses promoted by social identities.

Keywords: Linguistics analysis, 3ª sociolinguistic wave, identity sociolinguistic profile.

INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos têm se debruçado sobre a variação linguística e seus modos de produção, aproximando-se cada vez mais das práticas cotidianas dos falantes e das formas como estes constroem sentidos através de suas escolhas linguísticas. Desde os trabalhos pioneiros da chamada primeira onda, (Labov, 1966; 1972; Fischer, 1958) centrada na correlação entre variáveis linguísticas e categorias sociais fixas, passando pela segunda onda, que aprofundou as perspectivas etnográficas e contextuais (Milroy; Milroy, 1985), a disciplina avançou rumo a um olhar mais subjetivo e performático da linguagem: a chamada terceira onda da Sociolinguística (Eckert, 2000, 2012).

Essa nova abordagem rompe com os pressupostos essencialistas de identidade e propõe que os usos linguísticos não apenas refletem categorias sociais, mas são também mecanismos de construção, negociação e estilização do “eu” (Eckert, 2000; Bucholtz; Hall, 2005), o que, neste texto, abordaremos como perfil sociolinguístico identitário do falante. Dentro desse escopo, a língua é compreendida como um recurso simbólico por meio do qual os indivíduos expressam pertencimento, resistência, afiliação ou diferenciação social. Assim, o estilo linguístico passa a ser entendido como performático e indexical (Coupland, 2007), e não mais como simplesmente reflexo mecânico de classe, gênero ou etnia.¹

À luz dessas considerações, este artigo tem como objetivo evidenciar a necessidade de incorporar o conceito de perfil sociolinguístico identitário do falante na análise dos dados linguísticos como parte da análise das variáveis socioculturais. Argumentamos que, ao considerar apenas variáveis estruturais e socioculturais como categorias rígidas, corremos o risco de esvaziar o fenômeno linguístico de sua dimensão social complexa, ignorando os modos diversos pelos quais os falantes se posicionam e são posicionados em suas comunidades de práticas.

¹ Silverstein (2003) é um dos principais responsáveis por consolidar o termo *indexicalidade* na Linguística Antropológica. Para ele, *indexicalidade* descreve a propriedade de certos signos linguísticos (ou traços de fala) de apontarem para contextos sociais, posicionamentos e relações entre falantes. Por exemplo, a pronúncia de uma palavra pode indexar (apontar para) a filiação a um grupo regional, a uma classe social, ou mesmo a uma postura identitária (de resistência, ironia etc.). Outro autor relevante na área é Gumperz (1982), que trabalhou com a ideia de *cues* contextuais (pistas), que funcionam como índices sociais nos eventos de fala, algo que está na base do que depois a Sociolinguística vai chamar de *práticas indexicais*. Na terceira onda da Sociolinguística, autores como Eckert (2000, 2012) e Coupland (2007) expandem essa ideia mostrando que *estilo linguístico* é sempre *indexical*: os traços formais carregam sentidos sociais e performam identidades. Por isso, práticas linguísticas são vistas como *práticas indexicais*, na medida em que toda escolha estilística aponta para um valor social ou posicionamento identitário.

Assim, pretendemos neste texto: (a) discutir o conceito de perfil sociolinguístico identitário a partir da literatura da terceira onda da Sociolinguística; (b) demonstrar como esse perfil pode ser operacionalizado metodologicamente na análise linguística; e (c) levantar questões analíticas sobre o papel das práticas estilísticas na construção das identidades dos falantes. A proposta é, portanto, oferecer uma perspectiva ampliada e mais sensível às nuances que atravessam o uso da língua nos contextos sociais e reais.

Compreendemos, desse modo, que a ausência do perfil sociolinguístico identitário nas análises sociolinguísticas resulta em leituras restritas que podem levar a análises reducionistas do comportamento linguístico, obscurecendo os efeitos sociais e ideológicos que sustentam o modo como os falantes constroem suas vozes. Ignorar tais dinâmicas pode implicar em análises que não captam os processos de agência, resistência e criatividade envolvidos nas diversas expressões linguísticas do falante.

Nessa perspectiva, propomos refletir de que maneira o perfil sociolinguístico identitário contribui para uma leitura mais integrada entre língua e sociedade e, diante disso, procuramos observar quais são as implicações teóricas e metodológicas de levar em conta esse perfil e, concomitantemente a isso, o estilo como indexador de identidade, ressaltando como os falantes constroem performances linguísticas que os inscrevem em posições sociais específicas.

Ao apresentar essas reflexões, buscamos não apenas contribuir com os debates contemporâneos da Sociolinguística Variacionista, mas também estimular abordagens mais contextuais e situadas, que reconheçam nos usos linguísticos cotidianos a complexidade de trajetórias, subjetividades e pertencimentos que marcam os sujeitos na prática social.

A CONSTRUÇÃO DO PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO IDENTITÁRIO NA TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística, desde sua constituição como campo interdisciplinar nos anos 1960, tem se dedicado à análise das variações linguísticas em contextos sociais. Inicialmente, centrada em grandes *corpora* e em categorias sociais macroestruturadas, como classe, sexo e faixa etária (Labov, 1966), o campo operou com uma concepção de falante que, embora importante, muitas vezes limitava-se a marcadores demográficos fixos. Esse modelo implicava em uma representação relativamente estática da identidade dos sujeitos, cuja fala era associada a agrupamentos sociais previamente definidos e não à experiência vivida e dinâmica do uso linguístico.

Sobre essa perspectiva, Freitag (2011) discute criticamente a prática de estratificar bancos de dados sociolinguísticos a partir de variáveis como faixa etária e escolarização. A autora observa que essa delimitação rígida, embora metodologicamente funcional, pode resultar em uma “homogeneização metodológica imposta à amostra”, ocultando a heterogeneidade social real dos falantes (Freitag, 2011, p. 58).

Para Freitag (2011), ao categorizar os informantes em grupos demográficos fixos, os estudos variacionistas acabam por assumir o ‘social’ como um dado estático, negligenciando o fato de que as variáveis sociais se mostram, muitas vezes, interdependentes e atravessadas por diferentes formas de significação. Assim, o controle estrito de fatores sociais, essencial para a comparabilidade estatística, carrega o risco de invisibilizar as complexidades das redes sociais, das mobilidades e das práticas linguísticas situadas que caracterizam o uso real da língua.

Coadunamos desse modo, o que já problematizava Freitag (2011), observando que a limitação de conceber o falante por categorias macro, chamando atenção para a homogeneização metodológica e questionando o que se perde quando se ignora a dinâmica situacional da fala, leva-nos, de certo modo, a ignorar intersecções identitárias e trajetórias individuais do falante.

Com a proposição da terceira onda da Sociolinguística (Eckert, 2012), o conceito de falante passou a ser ampliado. Nessa nova abordagem, o sujeito falante é compreendido como agente ativo na construção de significados, posicionamentos e pertencimentos, em vez de ser visto somente como reflexo de categorias sociais. O uso linguístico, nesse sentido, passa a ser visto como prática performática e indexical (Coupland, 2007), na qual cada escolha linguística não só comunica conteúdo, mas também projeta identidades sociais. Desse modo, compreendemos a indexicalidade como a capacidade de determinados recursos linguísticos apontarem para valores sociais (Silverstein, 2003), sendo reavaliados contextualmente na negociação da imagem de si.

A concepção de identidade apresentada por Bucholtz e Hall (2005) rompe com a noção essencialista que entende a identidade como algo fixo, dado ou intrínseco ao indivíduo. Para essas autoras, a identidade é um processo emergente, construído nas interações sociais por meio de práticas discursivas situadas. Compreendemos que nessa concepção a identidade não é uma característica pré-estabelecida, mas sim o resultado de posicionamentos assumidos e negociados em contextos comunicativos específicos.

Essa perspectiva tem implicações diretas para a análise sociolinguística, pois desloca o foco das categorias sociais estáticas como gênero, escolaridade e faixa etária

para os modos como essas categorias são performatizadas e recontextualizadas linguisticamente nas interações cotidianas. Assim, o uso da língua se torna central na construção da identidade, uma vez que os falantes se alinham ou se distanciam de determinadas posições sociais por meio de escolhas linguísticas, como o uso de variantes, estilos, ou até mesmo estratégias de (des)alinhamento no processo comunicativo.

Consideramos a concepção da identidade construída nas interações sociais por meio de práticas discursivas situadas para a análise sociolinguística, pois entendemos que as práticas discursivas localizadas mencionadas pelas autoras referem-se a eventos de fala específicos, em que os significados sociais são co-construídos pelos falantes, ou seja, as escolhas linguísticas adotadas no momento da comunicação diante do ambiente, do falante e do contexto de construção identitária. Assim, a análise desses eventos de fala, motivados pelas escolhas linguísticas dos falantes, permite observar como as identidades são articuladas, transformadas e disputadas por meio da língua em uso. É nesse cenário que a análise sociolinguística se instaura como terreno fértil para compreender o modo que os falantes performam identidades múltiplas e fluidas, ora reafirmando normas sociais, ora subvertendo-as através da língua.

Dessa maneira, a concepção de identidade como prática da análise linguística localizada amplia os horizontes da análise sociolinguística, convidando os pesquisadores a investigarem não apenas o que os falantes dizem, mas como e com quais efeitos sociais essas falas se manifestam em contextos concretos. Desse modo, o reconhecimento da identidade, como um processo contingente e situado (Bucholtz; Hall, 2005), desloca o olhar da sociolinguística da estrutura para a prática, e dos grupos para os falantes. Tal mudança demanda que os estudos linguísticos incorporem de forma mais sensível a constituição identitária dos falantes.

É nesse cenário que emerge a necessidade de elaborar o conceito de perfil sociolinguístico identitário: uma ferramenta interpretativa que considera tanto os trajetos biográficos dos sujeitos quanto seus posicionamentos estilísticos cotidianos e identitários. O perfil, portanto, não é uma categorização rígida, mas um mapeamento de práticas culturais e linguísticas articuladas à identidade do falante em sua comunidade de pertencimento.

Assim, a linguística passa a considerar o sentimento de pertença como ferramenta para compreensão dos usos linguísticos, pois é através da língua, que tal sentimento se encontra materializado. Construimos essa concepção a partir da observação dos conceitos da terceira onda que solidificam a abordagem do objeto língua como meio privilegiado

pelo qual os falantes constroem, negociam e expressam sentidos de pertencimento. Em contextos sociais diversos, o sentimento de fazer parte de um grupo se manifesta nas escolhas linguísticas que os falantes fazem – consciente ou inconscientemente – para alinhar-se a normas, estilos e repertórios compartilhados. Esse sentimento de pertença, longe de ser meramente afetivo, é uma ferramenta analítica potente para entender a construção do significado e da identidade nas interações linguísticas (Eckert, 2000).

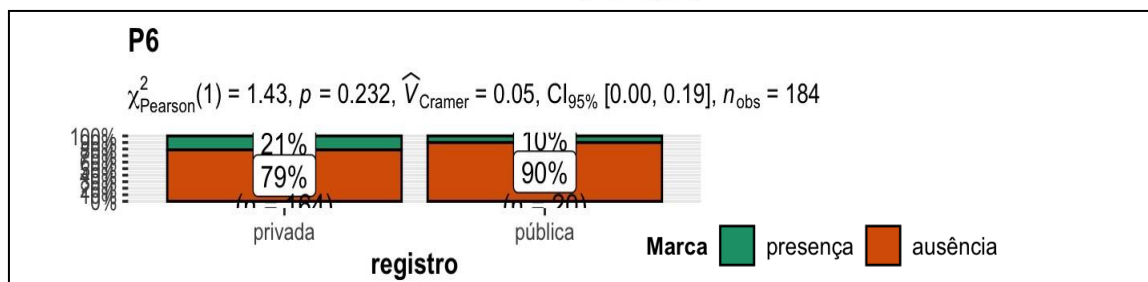
Tal concepção alinha-se à noção de *habitus* linguístico formulada por Bourdieu (1991), no qual compreendemos que os falantes internalizam esquemas de percepção e produção da linguagem com base em sua posição social e trajetória dentro de um campo. Esse *habitus* não apenas informa seus modos de falar, mas também os sentidos de adequação e pertencimento em relação aos espaços e interlocutores. A língua, nesse sentido, torna-se um marcador simbólico do lugar social e da afiliação do sujeito com determinadas comunidades.

Essa concepção foi considerada na dissertação de mestrado *Variação na concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural na comunidade rural afro-brasileira Mussuca – Laranjeiras/Sergipe: uma análise sociolinguística* de Macêdo (2022), na qual a autora, na análise de dados, considera que a língua funciona como marcador simbólico de pertencimento social e cultural na comunidade de prática analisada. A língua falada pelos moradores da comunidade da Mussuca não apenas revela traços de variação linguística, mas também expressa uma identidade coletiva, construída historicamente e reafirmada nas práticas cotidianas manifestadas através de suas escolhas linguísticas (Macêdo, 2022, p.32-33).

Este estudo também considerou, como parte da análise, dois tipos de *corpora*: falas públicas *versus* falas privadas. As falas públicas foram entrevistas coletadas da plataforma do *You Tube* com os mesmos participantes das entrevistas privadas. As entrevistas privadas foram entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (Diálogo- Informante-Documentador) realizadas com os participantes da pesquisa na comunidade Mussuca – SE.

Os resultados de Macêdo (2022) revelam que há uma tendência à redução das marcas de concordância em entrevistas públicas face às entrevistas privadas, especialmente nas formas verbais de terceira pessoa do plural. Um exemplo concreto é o uso recorrente de construções com a ausência da marca de plural no verbo, como podemos observar no Gráfico e no exemplo que se seguem:

Figura 1 – Gráfico de realização da marca de concordância quanto ao Registro P6



Fonte: Dados da pesquisa (2021). (Macêdo, 2022, p.149).

(105)

nós fomo, foi se criano tudo junto, tudo na mesma cidade, né? Aqui, né? No povoado Mussuca. Nós somo nascida e criada.

(Participante 1 – Feminino, 72 anos, Sem escolarização)

(Macêdo, 2022, p.150).

Embora o percentual apresentado entre os resultados não tenha sido estatisticamente significativo, observamos que os usos com ausência da marca de plural foram mais frequentes em entrevistas realizadas em espaços públicos, como vídeos no *YouTube*, sugerindo que os falantes, ao se exporem socialmente, recorrem à formas mais simplificadas e populares da língua, possivelmente por influência das construções identitárias do seu perfil, não por uma questão vinculada à norma de prestígio, sendo uma questão de avaliação linguística sob o contexto da identidade. Essa observação reforça a ideia de que o constructo identitário impacta diretamente na escolha das formas verbais.

Diante desse contexto, observamos que as escolhas linguísticas atuam como um recurso simbólico por meio do qual os falantes se posicionam socialmente e se vinculam a comunidades específicas. A exemplo das escolhas linguísticas dos falantes da Mussuca/SE, que, na análise, não são aleatórias e carregam sentidos sociais que refletem e reforçam laços de pertencimento, resistência e memória coletiva (Macêdo, 2022).

Desse modo, observamos que a análise sociolinguística vai além da descrição formal da variação da língua, a exemplo da concordância verbal analisada no trabalho supracitado. Os modos como a língua se entrelaça com a construção de identidades sociais, especialmente em contextos marcados por heranças culturais afro-brasileiras, reforçam que os estudos da análise linguística, sobretudo da Sociolinguística Variacionista, caminham ao lado das perspectivas sociais, identitárias e estilísticas e, diante do fenômeno linguístico, pode estabelecer-se como forte marcador na implementação da mudança linguística ou não.

O que nos chama atenção para esta realidade é que a teoria não se esgota, como pura e intrinsecamente aos fatores sociais gerais para todos os fenômenos linguísticos em qualquer língua. Aqui, assumimos a posição de que a Sociolinguística Variacionista detém o seu olhar para a variação e a mudança linguística atrelada à realidade do fenômeno, bem como da comunidade que analisa. Essa concepção reforça como a língua documenta e cristaliza os fatores de cada comunidade de fala, fomentando ou não, em determinado grau, a implementação da mudança, dependendo do fenômeno analisado. (Macêdo, 2022, p.23)

Nessa perspectiva, a língua fundamentada sob o viés estilístico identitário não se constitui apenas como um reflexo da posição social, mas uma forma ativa de afiliação simbólica e posicionamento identitário, como propõe a terceira onda da sociolinguística (Eckert, 2012). Com isso, podemos dizer que a língua comunica valores, modos de ser e pertencimento a nichos socioculturais específicos, e é na afinação entre estilo e identidade que se revela a dimensão social do sentimento de pertença: ao falar de certa forma e não de outra, o falante não apenas comunica, mas se inscreve num coletivo com o qual se identifica.

Observamos desse modo, que a abordagem sociocultural da identidade reforça que a escolha dos usos linguísticos é construída no entrelaçamento entre língua, prática e ideologias. O sentimento de pertencimento emerge da repetição de práticas linguísticas que indexam valores compartilhados por uma comunidade. Assim, a identidade não é um dado, mas uma prática reiterada que performa o pertencimento por meio do uso linguístico.

Diante desse processo, nasce o sentimento de pertencimento de um povo face a sua língua, por isso, o que propõe a Sociolinguística é de grande valia para a análise linguística do PB, não sendo possível, a nosso ver, estudar o processo de variação e mudança sem levar em consideração o plano de resistência e a consciência étnica e social que marcam os traços de mudança e variação linguística, considerando a mudança como um processo inerente à língua, mas ciente de que esta ocorre também por forte motivação sócio-histórica e cultural. (Macêdo, 2022, p.25)

Tal vertente pode ser compreendida por ampliar a lente analítica da comunidade de fala para a comunidade de prática (Eckert; McConnell-Ginet, 1992; Wenger, 1998), pois a Sociolinguística reconhece que o sentimento de pertencimento não se reduz à partilha de uma norma linguística, mas se constrói na convivência, nas práticas cotidianas, nas atividades e afetos compartilhados. Nesses espaços, os falantes desenvolvem estilos

linguísticos que representam suas trajetórias e desejam afirmar sua identidade junto aos pares.

A interpretação dos usos linguísticos pode se revelar, metodologicamente, mais quantitativa quando dissociada das dimensões simbólicas que conformam o sentimento de pertencimento dos falantes às suas comunidades de práticas, pois ignorar tais dinâmicas implica negligenciar os marcadores identitários que orientam e atravessam o comportamento linguístico.

Assim, compreendemos que o sentimento de pertença torna-se uma chave hermenêutica relevante para a linguística contemporânea, permitindo compreender a linguagem como prática social situada, carregada de significados culturais. E nesse contexto demanda para a língua, o lugar onde o falante se localiza, afirma-se e se projeta. O que para nós é justamente, nesse espaço que a análise deve buscar compreender as marcas de pertencimento, analisando os dados reais como materialização desses contextos.

Esse deslocamento metodológico permite ampliar o foco analítico das comunidades de fala – tradicionalmente tomadas como agrupamentos de usuários da linguagem com normas comuns – para o conceito de comunidades de prática (Wenger, 1998; Eckert; McConnell-Ginet, 1992), como já é considerado na terceira onda sociolinguística. Consideramos que, nas comunidades de práticas, os falantes compartilham atividades, repertórios e histórias, que funcionam como campo fértil para a inovação, a negociação de sentidos e a construção identitária. A língua, nesse cenário, não apenas se ajusta às normas do grupo, mas co-constitui o grupo e seus membros, mediante interações localizadas.

Na comunidade de prática, o falante participa de processos contínuos de construção e reconstrução de seus usos linguísticos. Esses processos ocorrem a partir de escolhas estilísticas que não apenas expressam identidade, mas a constroem dinamicamente frente aos interlocutores, aos contextos e às ideologias linguísticas em circulação. O repertório do falante não é homogêneo, mas atravessado por experiências diversas, por interações múltiplas e pela constante atuação social. Assim, o *continuum* linguístico assume uma forma que integra não só as variedades linguísticas em sua dimensão técnica, mas também os sentidos identitários que as embasam: o *continuum* linguístico identitário.

É nesse cenário que podemos considerar a construção do perfil sociolinguístico identitário, como lente para a análise qualitativa em estudos de variação e mudança. A

análise linguística que considera o perfil sociolinguístico identitário contribui para o fortalecimento de abordagens qualitativas, pois ignorar os processos pelos quais o falante se inscreve linguisticamente em sua comunidade, tende a perder nuances fundamentais da construção do sentido.

Desse modo, o perfil sociolinguístico identitário permite captar os gestos micropolíticos manifestados através da língua: o modo como ela insinua, posiciona, afilia e distancia; A análise do perfil sociolinguístico identitário permite ver, por exemplo, como dois sujeitos com demografias semelhantes podem construir estilos linguísticos contrastantes em virtude de projetos identitários diversos, a exemplo do que pode ser conferido no trecho extraído da fala de um participante de 52 anos que não faz parte do grupo de práticas culturais da comunidade, mas observa a importância de tais práticas para a preservação cultural local, através das práticas das participantes do grupo de samba de parelha:

(66)

A continuidade da vida dela é esse folclore dela. A cultura dela que tá na cabeça dela. E a minha é essa mermo. Ela não vai deixar a cultura, né? Como diz a história, queira ou que num queira, é a mestra da cultura, né? Como é nos três grupos folclóricos aqui da redondeza e alguém talvez uma sobrinha ou neta ou que fosse substitua pra cultura num morrer, né? (Participante 4 – Masculino, 79 anos, sem escolarização). (Macêdo, 2022, p. 112)

Esta participante a qual o excerto se refere é a participante 1 que para a comunidade, é considerada como representante da prática do samba de parelha local. “Nas entrevistas, as pessoas da comunidade mencionaram a sua relevância para a preservação da prática cultural desenvolvida” (Macêdo, 2022, p.82). O samba de parelha é a representação cultural da comunidade.

(67)

Eu sou uma pessoa que sou da cultura. Já nasci da cultura, aquela raiz, né? Eu não vou perder a minha cultura por nada desse mundo, porque eu adoro, eu nasci da cultura, como pouco instante eu já falei. Meu pai foi um homem, ele era... fazia parte da cultura, ele nasceu também da raiz da cultura e ele mim deixou, eu no lugar pra fazer a cultura que ele fazia e eu estou fazendo, tá vendo! (Participante 1 – Feminino, 72 anos, sem escolarização) (Macêdo, 2022, p. 112)

Podemos observar que a identidade se constitui diante da posição que o falante adota interligada aos diferentes papéis que ele desempenha nesses contextos interativos.

Dessa forma, o falante adapta sua forma de expressão conforme os variados contextos em que participa, reconhecendo a função que desempenha dentro das representações sociais. Essa consciência sobre como se posicionar é fundamental para uma análise estilística, já que compreender o lugar que esse sujeito ocupa na estrutura social é essencial para interpretar os sentidos atribuídos às suas práticas linguísticas, as quais estão profundamente conectadas à construção de identidade (Macêdo, 2022).

Portanto, diante dessa perspectiva, o conceito de perfil sociolinguístico identitário não é um detalhe descritivo adicional para a análise sociolinguística, mas um eixo fundamental para a compreensão do fenômeno linguístico em sua dimensão social e simbólica. Incorporar esse conceito às análises sociolinguísticas significa reconhecer que o falante não é apenas objeto de estudo, mas sujeito de estilo, de escolhas, de narrativas e de pertença. Nesse viés, a língua revela-se como campo de disputa, de performatividade e de agência identitária.

ESTILO COMO PRÁTICA SOCIOLINGUÍSTICA

O estilo linguístico, entendido como uma prática social incorporada à performance cotidiana dos falantes, tem se configurado como uma ferramenta interpretativa relevante para o estudo das identidades em contextos diversos. O estilo mobiliza repertórios linguísticos que transcendem estruturas formais e revela posicionamentos sociais e modos de ser situados nos usos linguísticos. As análises empíricas nesse campo evidenciam que o modo como alguém fala – suas entonações, escolhas lexicais, formas de interação – atua como um índice cultural que remete a identidades em constante negociação, construídas a partir das relações intersubjetivas que sustentam a comunicação (Silverstein, 2003; Bucholtz; Hall, 2005; Eckert, 2000, 2012; Coupland, 2007; Rampton, 1995; Tannen, 1989).

Ao se conceber o estilo como uma prática sociocultural, reconhecemos que ele não apenas acompanha os falantes, mas os constitui no interior de suas redes de pertencimento e atuação discursiva. As formas de expressão verbal, longe de se restringirem à estrutura linguística, articulam-se a práticas, memórias coletivas, valores e disputas simbólicas. Dessa maneira, o estilo se transforma em uma performance identitária: um processo dinâmico por meio do qual os falantes atualizam e reformulam suas posições sociais. Inserido em contextos interacionais específicos, o estilo se torna, assim, um dispositivo ativo de representação linguística.

Assim, observamos que a concepção de estilo na sociolinguística ultrapassou uma visão meramente descritiva e classificatória dos usos da língua. Tradicionalmente associado à escolha entre variantes fonológicas ou sintáticas dentro de uma comunidade de fala, o estilo passou a ser compreendido como um conjunto de práticas que envolvem significados sociais, identidades e processos de afiliação e distinção (Eckert, 2000). Esse deslocamento teórico é central para a chamada terceira onda da Sociolinguística, que propõe uma abordagem prática e situada da linguagem e também para a compreensão do perfil sociolinguístico identitário, pois as identidades se constituem ou se materializam à medida que os falantes assumem seus estilos ou uma performance.

É possível determinar o estilo como algo indexical, como já mencionado neste texto: cada traço linguístico carrega significados sociais que são ativados contextualmente (Coupland, 2007). Pronúncias, escolhas lexicais, entonações e estruturas gramaticais operam como sinais sociais que não apenas descrevem quem somos, mas constroem nossa identidade diante dos outros. O estilo, portanto, adquire valor simbólico à medida que é reconhecido e interpretado socialmente, situando o falante dentro de um universo de expectativas e afiliações.

Essa visão é tributária da noção de performatividade, especialmente influenciada pelos trabalhos de Butler (2003), segundo os quais a identidade não é um atributo fixo, mas algo constantemente feito e refeito nas práticas sociais. Essa noção aplicada aos estudos linguísticos, implica que o estilo é uma performance repetida por meio da qual os falantes constroem socialmente suas identidades. Como apontam Bucholtz e Hall (2005, p.85 – tradução nossa), a identidade é continuamente negociada no discurso, e a estilização linguística é uma das formas privilegiadas dessa negociação.

Dentro dessa lógica, as escolhas linguísticas não são neutras, tais escolhas posicionam os falantes em relação a ideologias linguísticas, sistemas de valor e hierarquias sociais. Um falante que escolhe deliberadamente uma variante estigmatizada, por exemplo, pode estar performando uma identidade de resistência ou autenticidade. Do mesmo modo, a adoção de padrões linguísticos legitimados pode indicar aspirações de mobilidade social, desejo de afiliação ou sinalização de competência (Bourdieu, 1991).

As escolhas estilísticas operam, então, em duas frentes, uma como reflexo de processos sociais e outra como agentes desses processos. Isso significa que o estilo não apenas indica de onde um falante vem, a exemplo, sua classe social ou região, mas também para onde ele pretende se dirigir em termos de afiliação e projeção social (Eckert,

2012). O estilo é, nesse sentido, um investimento simbólico e uma estratégia de posicionamento, ou seja, o estilo é atribuído como prática linguística do falante.

Essa perspectiva pode ser observada nos estudos de Rampton (1995), ao estudar práticas como o *crossing*² – o trânsito de falantes entre repertórios não convencionais para seu grupo social – o qual demonstra que os estilos podem expressar solidariedade, desafio ou hibridismo. A estilização do outro pode ser subversiva, caricatural, empática ou ambígua, e cada uma dessas possibilidades revela como o estilo está embebido em relações de poder e identidade. Isso é particularmente visível em contextos de grupos mais jovens ou a relação com a linguagem neutra, na qual o uso de pronomes e marcações de gênero, os falantes por exemplo, podem afirmar sua identidade por meio da escolha dos pronomes com que desejam ser tratados ou por meio da adoção de formas linguísticas neutras. Esse uso da linguagem é uma ferramenta importante de afirmação identitária, onde a linguagem estilizada é usada para negociar pertencimento em grupos de pares (Eckert, 2000), demonstrando como o estilo é multidimensional.

A escolha de uma língua ou variedade pode ser carregada de conotações políticas, étnicas e afetivas, tornando a análise estilística um campo de investigações de lealdades linguísticas e subjetividades fragmentadas. A indexicalidade de segunda ordem (Silverstein, 2003) - isto é, o processo pelo qual certos estilos adquirem significados sociais específicos - torna-se uma lente analítica crucial.

A comunidade de prática (Wenger, 1998) fornece um espaço teórico propício para entender como estilos são construídos, aprendidos e compartilhados. Ao participar de práticas sociais conjuntas, os membros de uma comunidade de prática desenvolvem repertórios estilísticos que não apenas os identificam como grupo, mas também permitem a diferenciação interna, a criatividade e a inovação linguística. Dentro das comunidades de prática, o estilo torna-se um repertório de escolhas culturalmente legível.

A análise estilística passa, assim, a exigir uma atenção etnográfica, que reconheça como os falantes usam a língua para alinhar-se, divergir, ironizar ou afirmar sua posição. Esses repertórios são flexíveis e contextualmente reavaliados, o que reforça o caráter performativo e negociado do estilo e também a necessidade da análise sob o viés do perfil sociolinguístico identitário, o qual, compreendemos até aqui, ser motivado pelo estilo através das escolhas linguísticas do falante, pois observamos que os estilos não apenas

² Refere-se à prática de falantes que utilizam variedades linguísticas associadas a grupos étnicos ou sociais aos quais eles próprios não pertencem, atravessando, assim, fronteiras socioculturais percebidas como marcadas (RAMPTON, 1995)

comunicam, mas contestam, e é nesse potencial político que reside parte de sua força social.

Nessa motivação linguística, o estilo (re)contextualiza os usos ao reempregar uma forma em um novo contexto, pois o falante redefine, assim, seu significado social. Essa habilidade permite ao falante circular entre diferentes identidades linguísticas, adaptando seu estilo às demandas interacionais. O estilo é, desse modo, um recurso dinâmico de adaptação e criatividade social.

A análise estilística, portanto, exige uma abordagem qualitativa, microanalítica e sensível ao contexto. Não basta identificar quais variantes estão sendo usadas, mas compreender por que, quando e com que efeito social essas escolhas são feitas. Isso implica uma análise das categorias sociais e das narrativas identitárias que permeiam os usos linguísticos através do perfil sociolinguístico identitário, observando as práticas estilísticas.

O papel das práticas estilísticas na construção das identidades revela como a língua é um campo de ação simbólica. Por meio do estilo, os falantes constroem pertencimentos, dramatizam conflitos, atualizam memórias sociais e projetam futuros desejados. A língua sob a concepção do estilo é, assim, tanto reflexo quanto motor da subjetividade, materializada através dos usos (escolhas) linguísticos, como já mencionado nesse texto.

Conclui-se, então, que as práticas estilísticas ocupam uma posição central na compreensão da identidade linguística. Elas permitem observar como os falantes exercem agência identitária sobre seus repertórios; como negociam sentidos sociais e como a língua se transforma em instrumento de construção da representação linguística. Considerar o estilo é considerar, em última instância, a própria experiência social das manifestações linguísticas identitárias do falante frente às suas escolhas linguísticas na configuração do seu perfil enquanto falante de uma determinada comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da premissa de que o perfil sociolinguístico identitário do falante é uma ferramenta interpretativa para compreender os usos linguísticos em sua dimensão social e simbólica na análise linguística. Ao longo desse texto, buscamos demonstrar que não se trata apenas de observar regularidades estruturais ou padrões de variação previsíveis, mas de atentar para o modo como os sujeitos mobilizam

conscientemente, ou de maneira tácita, recursos estilísticos que projetam posições sociais, constroem pertencimentos e negociam identidades através de suas escolhas linguísticas.

Ao se considerar o estilo como indexador de identidade, conforme propõem Silverstein (2003) e Coupland (2007), a análise linguística ganha densidade interpretativa e sensibilidade contextual. Em vez de operar exclusivamente sobre eixos predefinidos como classe, sexo ou escolaridade, o estilo permite observar a língua em ação, em sua capacidade de indicar as representações sociais, de resistência simbólica e performatividade do falante. Eckert (2012), ao discutir as ondas da sociolinguística, reforça essa abordagem ao mostrar que o estilo é um mecanismo de afiliação identitária que se constitui em práticas localizadas e interacionais.

A compreensão do falante como agente performativo foi central nesta discussão. A identidade não é dada a priori, mas emerge na e pela língua (Bucholtz; Hall, 2005). O estilo, nesse sentido, torna-se uma prática crucial através da qual os falantes ocupam posições sociais específicas e constroem narrativas de si. Assim, o perfil sociolinguístico identitário, como demonstrado nesse texto, torna-se um dispositivo teórico-metodológico que articula elementos objetivos (como repertório linguístico, rede de relações e trajetória social) e subjetivos (reconhecimento, afiliação simbólica, intencionalidade performativa). Essa articulação permite uma leitura mais integrada entre língua e sociedade para a análise da realidade linguística de determinada comunidade, ao evidenciar as escolhas linguísticas dos falantes de acordo com os resultados obtidos na Documentação Sociolinguística.

Consideramos as implicações metodológicas dessa abordagem significativas, pois ao incorporar o perfil sociolinguístico identitário exige deslocar-se de modelos quantitativos rígidos para perspectivas qualitativas, etnográficas e situadas, capazes de capturar a complexidade dos sentidos investidos nos estilos linguísticos. Isso se reflete, por exemplo, na análise de comunidades de prática (Wenger, 1998), onde os estilos não apenas refletem valores do grupo, mas participam ativamente de sua constituição simbólica.

Assim, compreendemos que os falantes ao construírem performances linguísticas que os inscrevem em posições sociais específicas, os usos linguísticos, se manifestam por estratégias identitárias conscientes ou habituais, mobilizadas conforme os contextos de fala. Por meio do estilo, os falantes exercem a agência identitária sobre seus posicionamentos e constroem alianças, resistências e pertencas.

Portanto, as reflexões aqui desenvolvidas sinalizam para a relevância teórica e epistemológica de uma linguística que reconheça a centralidade das identidades em trânsito, das performances estilísticas e das práticas linguísticas na construção social do falante, investindo no conceito de perfil sociolinguístico identitário, contribuindo para uma análise de dados mais fidedigna, centrada na relação entre língua, falante e sociedade, considerando seu estilo através das escolhas linguísticas instituídas por este falante na comunidade de prática que ele pertence.

As reflexões desenvolvidas ao longo deste texto permitiram refletir como o perfil sociolinguístico identitário favorece uma interpretação mais adequada entre língua e sociedade. Consideramos a identidade como elemento constitutivo da variação linguística, bem como o papel do estilo enquanto indexador dessas construções sociais. Assim, reafirmamos a relevância de uma abordagem que articule língua, identidade e contexto social de forma alinhada ao perfil dos falantes que constituem as comunidades analisadas.

Este estudo procurou demonstrar que o *perfil sociolinguístico identitário* do falante constitui uma chave interpretativa essencial para compreender a língua em sua dimensão social, simbólica e performativa. Para além de variáveis demográficas rígidas, argumentamos que os usos linguísticos devem ser entendidos como práticas indexicais, nas quais estilo, pertencimento e agência se entrelaçam na produção das identidades.

Ao mobilizar referenciais da terceira onda da Sociolinguística, ressaltamos que o estilo não é um adorno superficial da fala, mas um mecanismo ativo de construção de sentidos, de resistência e de afiliação simbólica. Essa perspectiva amplia o foco da análise sociolinguística, propondo um olhar que articula repertórios linguísticos, trajetórias individuais e redes de pertencimento comunitário.

Entretanto, reconhecemos que a aplicação prática do conceito de *perfil sociolinguístico identitário* ainda exige aprofundamentos metodológicos. Identificar, descrever e analisar empiricamente esses perfis demanda estratégias que combinem métodos quantitativos e qualitativos, etnografia de fala, observação participante e análises de interações situadas. Assim, estudos posteriores podem explorar instrumentos de coleta e interpretação de dados que tornem operacionalizável essa proposta teórica.

Além disso, permanece como desafio refletir sobre a complexidade de comunidades linguísticas marcadas por mobilidades, conflitos e múltiplas pertencências. Questões como: **Como mapear perfis identitários em contextos de hibridismo linguístico e cultural? Quais estratégias analíticas permitem captar deslocamentos**

identitários em narrativas orais? surgem como caminhos fecundos para novas investigações.

Por fim, apontamos que a articulação entre *perfil sociolinguístico identitário* e análise estilística pode contribuir de forma significativa para políticas linguísticas sensíveis à diversidade, bem como para práticas pedagógicas que reconheçam as identidades linguísticas dos sujeitos. Fortalecer essa agenda implica investir em abordagens que respeitem a pluralidade de vozes e reafirmem a língua como território de pertencimento, memória e projeção social.

REFERÊNCIAS

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. **Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach**. *Discourse Studies*, v. 7, n. 4–5, p. 585–614, 2005.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Nova Iorque: Routledge, 1990. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUPLAND, Nikolas. **Style: Language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of identity in Belten High**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. **Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation**. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87–100, 2012.

FISCHER, John L. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. *Word*, New York, v. 14, n. 1, p. 47–56, 1958.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais**. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 8, p. 45–66, 2011.

GUMPERZ, John J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MACÊDO, Juliete Bastos. **Variação na concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural na comunidade rural afro-brasileira Mussuca – Laranjeiras/Sergipe: uma análise sociolinguística**. 2022. 144 f. Dissertação (Mestrado

em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

MILROY, Lesley; MILROY, James. **Authority in language:** investigating language prescription and standardisation. London: Routledge, 1985.

SILVERSTEIN, Michael. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life.** Language & Communication, v. 23, n. 3–4, p. 193–229, 2003.

WENGER, Etienne Charles. **Communities of practice:** learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Contribuição de autoria

Este trabalho foi desenvolvido com a colaboração das seguintes autoras, conforme a taxonomia CRediT:

Juliete Bastos Macêdo - conceituação, redação - rascunho original, curadoria de dados, metodologia, revisão, edição e supervisão do texto escrito.

Silvana Silva de Farias Araújo - curadoria de dados, metodologia, revisão, edição e supervisão do texto escrito.

Conflito de interesses

As autoras declaram que não possuem conflitos de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa e aprovação ética

Os dados utilizados foram originalmente coletados pela autora deste artigo em sua pesquisa de Pós-doutoramento intitulado: *Caracterização do português popular falado em comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia e de Sergipe: documentação de comunidades de práticas afro-brasileiras para o estudo de contatos linguísticos* (PPGL – UFS - PDJ/CNPQ - Processo:154982/2018:0), organizados e analisados pela autora da dissertação que fundamenta esta pesquisa (Macêdo, 2022). A análise apresentada neste manuscrito resulta de uma revisão e aprofundamento dos resultados obtidos na referida dissertação. Os dados estão disponíveis conforme descrito no documento original e podem ser acessados mediante solicitação às autoras responsáveis.

A pesquisa que originou os dados foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética da instituição vinculada às autoras (PPGEL/UEFS), garantindo o cumprimento dos princípios éticos exigidos para estudos envolvendo seres humanos. A declaração de aprovação ética encontra-se registrada no documento original e foi considerada na elaboração deste artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados. O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação, mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELOPreprints. Powered by TCPDF (www.tcpdf.org)

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.